

Ranane- Colégio
Municipal de Casa
Nova- NTE 10

Literatura Brasileira

A história da literatura brasileira tem início em 1500 com a chegada dos portugueses no Brasil. Isso porque as sociedades que aqui estavam eram ágrafas, ou seja, não possuíam uma representação escrita. Assim, a produção literária começa quando os portugueses escrevem sobre suas impressões da terra encontrada e dos povos que aqui viviam. Ainda que sejam diários e documentos históricos, esses representam, as primeiras manifestações escritas em território brasileiro.

A literatura brasileira é subdividida em duas grandes eras que acompanham a evolução política e econômica do País. A Era Colonial e a Era Nacional são separadas por um período de transição que corresponde à emancipação política do Brasil. As datas que delimitam fim e início de cada era são, na verdade, marcos onde acentua-se um período de ascensão e outro de decadência. As eras são divididas em escolas literárias, também chamadas de estilos de época.

A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808. É dividida em Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo. Recebe esse nome pois nesse período o Brasil era colônia de Portugal.

O Quinhentismo é registrado no decorrer do século XVI. Essa é a denominação genérica de um conjunto de textos que destacavam o Brasil como terra nova a ser conquistada. As duas manifestações literárias do período são a literatura de informação e a literatura dos jesuítas. O Barroco é o período que se estende entre 1601 e 1768. Tem início com a publicação do poema Prosopopeia, de Bento Teixeira e termina com a fundação da Arcádia Ultramarina, em Vila Rica, Minas Gerais. O Arcadismo é o período que se estende de 1768 a 1808 e cujos autores estão intimamente ligados ao movimento da Inconfidência, em Minas Gerais. O chamado período de transição ocorre entre 1808 a 1836. É considerado um momento inerte da literatura brasileira, marcado pela chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, contratada por Dom João IV.

Aqui estão poemas de cada ano:

Jesus na Manjedoura. Poema do Padre José de
Anchieta (Quinhentismo).

-Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.
Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Prosopopéia- Bento Teixeira
(Barroco)

1- Cantem Poetas o Poder Romano,
sobmetendo Nações ao jugo duro;
o Mantuano pinte o Rei Troiano,
descendo à confusão do Reino escuro;
que eu canto um Albuquerque soberano,
da Fé, da cara Pátria firme muro,
cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira,
pode estancar a Lácia e Grega lira.

2-As Déléficas irmãs chamar não quero,
que tal invocação é vão estudo; aquele chamo só, de
quem espero

a vida que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
quanto fora sem ele tosco e rudo,
que por razão negar não deve o menos
quem deu o mais a míseros terrenos.

3-E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta
a Estirpe d'Albuquerque excelente,
e cujo eco da fama corre e salta
do Carro Glacial à Zona ardente,
suspendei por agora a mente alta
dos casos vários da Olindesa gente,
e vereis vosso irmão e vós supremo
no valor abater Querino e Remo.

4- Vereis um sinil ânimo arriscado
a trances e conflitos temerosos,
e seu raro valor executado
em corpos Luteranos vigorosos.
Vereis seu Estandarte derribado

aos Católicos pés vitoriosos,
vereis em fim o garbo e alto brio
do famoso Albuquerque vosso Tio.

5- Mas em quanto Talia no se atreve,
no Mar do valor vosso, abrir entrada,
aspirai com favor a Barca leve
de minha Musa inculta e mal limada.
Invocar vossa graça mais se deve
que toda a dos antigos celebrada,
porque ela me fará que participe
doutro licor melhor que o de Aganipe.

6- O marchetado Carro do seu Febo
celebre o Sulmonês, com falsa pompa,
e a ruína cantando do mancebo,
com importuna voz, os ares rompa.
Que, posto que do seu licor não bebo,
à fama espero dar tão viva trompa,

que a grandeza de vossos feitos cante,
com som que Ar, Fogo, Mar e Terra espante.

Nascemos para Amar - Du bocage
(Arcadismo)

Nascemos para amar; a Humanidade
Vai, tarde ou cedo, aos laços da ternura.
Tu és doce atractivo, ó Formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade.

Enleia-se por gosto a liberdade;
E depois que a paixão na alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade.

Qual se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil na ideia acesas.

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre:
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquele morre.

A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e dura até os dias atuais. Começa com o Romantismo e perpassa pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e o Pós-modernismo. Recebe esse nome pois ela aconteceu após a Independência do Brasil, em 1822. Nesse período o nacionalismo é uma forte característica, notória na literatura romântica e moderna. Essa é a primeira escola literária a registrar um movimento genuinamente brasileiro. O Romantismo no Brasil se inicia em 1836, com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves Magalhães. O Realismo no Brasil começa em 1881 quando Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O Naturalismo no Brasil tem início em 1881 com a publicação da obra *O Mulato* de Aluísio de Azevedo. O Parnasianismo tem como marco inicial a publicação da obra *Fanfarras*, de Teófilo Dias, em 1882. Essa também é outra escola literária que surge paralela ao realismo e o naturalismo. Todavia, sua proposta era bem diferente e portanto, foi classificada de maneira independente.

O Simbolismo começa em 1893 com a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Souza. Ele vai até o início do século XX, quando ocorre a Semana de Arte Moderna. O pré-modernismo no Brasil foi uma fase de transição entre o simbolismo e o modernismo que ocorreu no início do século XX. O Modernismo no Brasil é marcado pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922. É o limite entre o fim e o início de uma nova era na literatura nacional e nas artes como um todo. A produção artística brasileira passa por intensa transformação após o fim da 1945. Assim, o pós-modernismo é uma fase de novas formas de expressão que acontecem na literatura, no teatro, no cinema e nas artes plásticas. Aqui estão poemas de cada época.

Canção do exílio - Gonçalves Dias
(Romantismo)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores Que não encontro por
cá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Autopsicografia - Fernando Pessoa
(Realismo)

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Naturalismo - LUCAS LIMA M.

Abita um bicho em mim
Tenho medo de bicho
Bicho é assim, paira para pairar
Naturalistas, escritores, cientistas, músicos
ricos não pairam, pobres sim...

Bichos não são naturalistas
Só homens, mulheres...nem pensar

O tempero da racionalidade
É a perca
E de não ter, é não ter perca
O mercado esta de portas abertas
No entanto fechadas Para quem não é naturalista

Surfistas moram nas praias
Imperialistas dentro do mercado.

Antífona - João da Cruz e Sousa
(Simbolismo)

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios. (...)

Pré-Modernismo- Euclides da Cunha

"Não há um só homem de coração
bem formado que não se sinta
confrangido ao contemplar o
doloroso quadro oferecido pelas
sociedades atuais com sua moral
mercantil e egoísta."

Moça Linda Bem Tratada - Manuel Bandeira
(Modernismo)

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.

Mulher gordaça, filó,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.

Fábula de um Arquiteto- João Cabral de Melo Neto (Pós-Modernismo)

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Então, essas foram todas as poesias!!